



DINÂMICAS TERRITORIAIS E INTERAÇÕES ESPACIAIS: A CONFIGURAÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DA NESTLÉ S/A

TERRITORIAL DYNAMICS AND SPATIAL INTERACTIONS: CIRCUIT CONFIGURATION SPACE OF PRODUCTION OF NESTLE S/A

DENISE CRISTINA BOMTEMPO

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – UECE e Bolsista DCR/CNPq/Funcap.
Avenida Paranjana, 1700 - Campus do Itaperi, CEP: 60740-000, Fortaleza/CE.
E-mail: denibomtempo@hotmail.com

Resumo

A leitura das dinâmicas territoriais proporcionadas pela dispersão das atividades produtivas na escala global torna-se um desafio para o período atual, em que a fluidez das relações predomina entre os agentes que produzem e usam o território. É preciso, nesse contexto, compreender os processos e as relações que influenciam as ações e as normatizações de maneira multiescalar. Diante de tal panorama, é que apresentamos este artigo, que tem como perspectiva a compreensão das dinâmicas territoriais pela via das interações espaciais e da configuração do circuito espacial produtivo da empresa Nestlé S/A, na escala global e no território brasileiro.

Palavras-chaves: dinâmica territorial, interação espacial, circuito espacial da produção.

Abstract

The reading of the territorial dynamics provided by the dispersion of productive activities on a global scale becomes a challenge for the current period, in which the fluidity of relations among the agents who produce and use the territory. It is necessary in this context, understand the processes and relationships that influence the actions and norms in a multiscale way. In this context, we present this text, which has the prospect the reading of territorial dynamics through spatial interactions and the configuration of productive spatial circuit of Nestlé Ltd., in a global scale and in brazilian territory.

Keywords: territorial dynamics, spatial interaction, space circuit production.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento tecnológico, desde meados do século XX, vem comprimindo as distâncias, ao mesmo tempo em que proporciona mudanças importantes na leitura do espaço.

A informação, dissipada pelo território por meio de redes técnicas materiais e imateriais, passa a ser chave para a produção e para a extração da mais-valia cada vez mais global. Ainda, o arranjo de tais redes reestrutura o conteúdo dos lugares, as distâncias, as velocidades, as escalas, os fluxos e as relações estabelecidas entre os agentes, envolvidos tanto na produção da riqueza, como na organização do território.

A conectividade simultânea dos lugares ampliou a possibilidade da produção e circulação de mercadorias. Todavia, nem todos os espaços gozam de estruturas e condições organizacionais que permitam a instalação de firmas, instituídas por circuitos cada vez mais globalizados. Há, portanto, uma seletividade dos lugares, determinada pela capacidade que algumas parcelas do espaço têm de atrair e concentrar agentes e investimentos externos.

Para dar conta da discussão apresentada, este texto encontra-se estruturado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, na perspectiva de entender do ponto de vista geográfico a configuração industrial da empresa Nestlé S/A, discorreremos sobre conceitos primazes à Geografia, tais como: redes, interações espaciais e circuitos espaciais da produção. Para nós, esse caminho teórico metodológico apresenta-se de maneira apropriada para compreender as dinâmicas territoriais do período atual. Na segunda parte, referenciados no trabalho de Corrêa (1996) e Santos (1986, 1988, 1994), Santos & Silveira (2001), entre outros, apresentamos, com vistas a atualizar¹ as interações espaciais da Nestlé S/A na escala global e no território brasileiro, como se configura o circuito espacial da produção, bem como a função desempenhada por cada lugar na divisão territorial do trabalho da referida empresa. Na sequência, as considerações finais.

¹ No texto “Os centros de gestão do território: uma nota”, Roberto Lobato Corrêa (1996) apresentou como se estruturava a empresa Nestlé S/A no território brasileiro na década de 1990. Em Bomtempo (2011), essa também foi uma de nossas preocupações ao pesquisar as indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP, entre elas a Nestlé S/A.

Redes, interações e circuitos espaciais da produção como ponto de partida para entender as dinâmicas territoriais no período da globalização

O termo dinâmica vem do grego *dynamike*, que significa forte. Nas ciências exatas, sobretudo na Física, é um ramo da mecânica que estuda o movimento e suas causas². A discussão geográfica leva em consideração tanto as dinâmicas da natureza, como as do território. Vale ressaltar que elas não estão dissociadas, mas nosso objetivo neste trabalho é entendê-las a partir do território.

De acordo com Azaïs (2000),

La dynamique territoriale fait à des situations de remodelage des forces productives et sociales sans que la capacité de création de richesses du territoire ne soit durablement atteinte. Le concept de dynamique contient, à la différence de celui de dynamisme, la possibilité de traduire aussi bien des phénomènes d'involution que d'évolution. Le territoire n'est plus uniquement vu comme simple réceptacle d'activités économiques mais comme générant à son tour externalité (p. 3)³.

Como no período atual conseguimos fazer a leitura das dinâmicas territoriais, ou seja, do território em movimento? Quais os temas e as variáveis relevantes para entender a complexidade presente na sociedade urbana, que se faz e refaz de maneira rápida, acelerada e fluida? De acordo com Aglietta (1979),

La dinámica sin embargo, es etimológicamente el estudio de las fuerzas. Ha de construirse una "temporalidad" que sea la característica de un movimiento. El estudio de un movimiento es el de los cambios de estado. Para poder hablar de un sistema dinámico es menester que las relaciones que constituyen el sistema tengan una lógica interna de transformación. Considerar la regulación de un sistema que se transforma es suponer que las transformaciones que se producen en las relaciones identificadas (y que constituyen, por lo tanto, procesos o relaciones en movimiento) son tales que siempre es posible concebir una organización de las relaciones en cuanto sistema (p. 3-4)⁴.

São muitos os caminhos possíveis, o que elegemos perpassa pelas dimensões econômicas e sociais. Para tanto, é preciso considerar as mudanças e as

²Dicionário Aurélio para ao século XXI, versão eletrônica.

³ A dinâmica territorial cria situações de remodelagem das forças produtivas e sociais sem que a capacidade de criação de riqueza do território não seja duravelmente atingida. O conceito de dinâmica, diferentemente de dinamismo, contém a possibilidade de traduzir tanto os fenômenos de involução quanto os de evolução. O território não é mais unicamente visto como simples receptáculo de atividades econômicas, mas que gera, por sua vez, externalidade.

⁴ A dinâmica, entretanto, é etimologicamente o estudo das forças. Deve se constituir uma "temporalidade" que seja a característica de um movimento. O estudo de um movimento é o das mudanças de estado. Para poder falar de um sistema dinâmico é preciso que as relações que constituem o sistema tenham uma lógica interna de transformação. Considerar a regulação de um sistema de que transforma é supor que as transformações que se produzem nas relações identificadas (e que constituem processos ou relações em movimento) são tais que sempre é possível conceber uma organização das relações enquanto sistema.

permanências decorrentes das ações provenientes dos agentes envolvidos na produção e organização do território. Ainda, de acordo com Santos & Silveira (2001, p. 11), devemos considerar “como, onde, por quem, por que, para quê” elas são estabelecidas. Este caminho, a priori delineado, evidencia a diversidade de formas, funções, processos e interações configuradas ao longo do tempo.

Nas últimas décadas do século XX até os dias atuais, devido ao desenvolvimento técnico e tecnológico, presenciamos a incorporação de áreas até então restritas às atividades de cunho local e regional à produção globalizada. Esse fato contribui para que as diversas fases do processo de produção pudessem ser fragmentadas e ao mesmo tempo articuladas por meio das redes.

De acordo com Santos (1999), no período atual, “a fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade” (p. 218). Esse movimento altera o conteúdo, as distâncias, as velocidades, as escalas e as relações estabelecidas entre os envolvidos nas diversas redes que produzem, estruturam e organizam o território de acordo com seus interesses.

Em síntese, de acordo com Raffestin (1993), “uma rede é um sistema de linhas que desenham tramas. Uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível” (p. 156). No mesmo sentido, Santos (1999), afirma que no período atual, as redes podem ser materiais e imateriais, pois

[...] criam-se objetos e lugares destinados a favorecer a fluidez: oleodutos, gasodutos, canais, autopistas, aeroportos, teleportos. Constroem-se edifícios telemáticos, bairros inteligentes, tecnopolos. Esses objetos transmitem valor às atividades que deles se utilizam. Nesse caso, podemos dizer que eles “circulam”. É como se, também, fossem fluxos (SANTOS, 1999, p. 218).

Como já afirmamos em Bomtempo (2011), desvendar o conteúdo das redes, a arquitetura das interações e dos circuitos espaciais da produção possibilita compreender as dinâmicas e o próprio conteúdo do território mediante as atividades econômicas que se articulam em diferentes fases do processo de produção de mercadorias.

De acordo com Corrêa (2006), entendemos por interações espaciais

[...] um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção caracterizar-se-á por diversos propósitos e se realizará através de diversos meios e velocidade (CORREA, 2006, p. 279).

As interações espaciais no período da globalização se revelam de maneira complexa. Isto é, resultante pelo “fato de cada centro urbano fazer parte de várias

redes de cidades, redes vinculadas aos múltiplos papéis que desempenham e em parte associados às grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, elas próprias organizadas sob a forma de redes” (CORRÊA, 2006, p. 102).

As articulações entre os processos de gestão, produção, distribuição e consumo foram estudadas tanto por profissionais da ciência geográfica, entre eles destacamos os trabalhos de Fischer (1994) e Dall’Acqua (2003), como de outras áreas do saber científico, por exemplo, da economia, em que são destaques os trabalhos de Martinelli Jr. (1999); Rodrigues (2003) e Pelinski (2005).

Na ciência geográfica, Fischer (1994), embora tenha como premissa analisar a atividade industrial a partir da dimensão espacial, não agrega em seus estudos uma pergunta fundamental - “como, onde, por quem, por que, para quem e quando”, determinados territórios são incorporados às diversas fases da produção? Acreditamos que a resposta desta questão não esteja presente na obra do autor, pois o mesmo adota das ciências econômicas a noção de *filières*. Essa proposta permite compreender detalhadamente os diferentes processos relacionados à elaboração do produto final dos diversos gêneros produtivos, mas não agrega a discussão geográfica.

De acordo com Fischer (1994),

L'ampleur de la dimension géographique d'un processus industriel ne peut être comprise sans références aux cadres techniques englobant dans lesquels s'inscrit nécessairement le processus, à savoir: la filière, la chaîne technique et la branche d'activité. Le concept de filière fait encore l'objet de bien des discussions. L'approche la plus simple définit la filière comme: «l'ensemble des stades du processus de production qui conduit des matières premières à la satisfaction du besoin final du consommateur. Une filière industrielle part des matières de base, transite par l'industrie manufacturière et le secteur des transports, pour s'achever par le stade de la distribution.» (STOFFAES, 1980. p. 9, in: FISCHER, 1994, p. 14)⁵.

No Brasil, os economistas realizaram seus estudos tendo em vista a noção de *filières*, mas o termo utilizado de maneira mais alargada foi o de cadeia produtiva. De acordo com Dall’Acqua (2003), elas são “entendidas como síntese da atividade econômica, correspondem ao conjunto de distribuição de insumos, processo, produtos e comercialização” (p. 82). Para nós, esses trabalhos são importantes, porém

⁵A amplitude da dimensão geográfica de um processo industrial não pode ser compreendida sem referências aos quadros técnicos abrangentes nos quais se inscrevem necessariamente os processos, a saber: a cadeia, o canal técnico e o ramo de atividade. O conceito de cadeia ainda é objeto de muitas discussões. A abordagem mais simples define a cadeia como “o conjunto de estágios do processo de produção que conduz as matérias-primas à satisfação das necessidades finais do consumidor. Uma cadeia industrial parte das matérias de base, transita pela indústria manufatureira e pelo setor de transporte para então atingir o estágio da distribuição.

incompletos, pois as análises restringem-se às relações entre os processos produtivos à montante e à jusante da elaboração do produto final e do comportamento de tais produtos no mercado.

As dimensões espaciais, essenciais para a compreensão das permanências e mudanças econômicas, sociais e políticas materializadas no território, não são consideradas nesses estudos. Portanto, para nós, a leitura do território pela via das interações espaciais e dos circuitos espaciais da produção, configurados no período da globalização, é uma maneira de entender as dinâmicas em múltiplas escalas e com isso, evidenciar a importância das categorias e dos conceitos geográficos para o entendimento do mundo atual.

Neste sentido, Milton Santos (1986), defende que

[...] os circuitos espaciais nos dão a situação relativa dos lugares, isto é, a definição, num dado momento, da respectiva fração de espaço em função da divisão do trabalho sobre o espaço total de um país. Aí se conjugam as relações de produção social, que os circuitos de ramos tipificam, as relações sociais de produção, dadas pelas firmas, mas também as relações de produção do passado, mantidas ou rejuvenescidas pelas relações atuais e representadas por relíquias ou heranças, tanto na paisagem quanto na própria estruturação social (p. 130).

Ainda, Santos & Silveira (2001) explicam que,

A repartição das atividades entre lugares e a divisão territorial do trabalho pode nos dar apenas uma visão mais ou menos estática do espaço de um país, um retrato onde cada porção do espaço revela especializações mais ou menos nítidas, nascidas à luz de processos antigos e modernos. Mas para entender o funcionamento do território é preciso captar o movimento, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais da produção. Estes são definidos pela circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território (p. 143).

Em outros trabalhos, Milton Santos⁶ ratifica que por meio dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação, conseguimos entender as dinâmicas existentes no território ao longo do tempo. Além disso, podemos multiplicar nossas escalas de análise, pois os circuitos integram lugares que muitas vezes não são próximos ou contínuos do ponto de vista da localização geográfica, mas que a

⁶ a) SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 2008. (primeira edição 1988) 6ª. Edição. b) SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo: Edusp, (primeira edição 1994) 2008b. 5ª. Edição.

partir das redes, das interações espaciais e das relações entre os agentes, que atuam a partir das horizontalidades e verticalidades⁷, materializam-se enquanto unidade.

De acordo com Santos (2008b)⁸,

Como a localização das diversas etapas do processo produtivo (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) pode, doravante, ser dissociada e autônoma, aumentam as necessidades de complementação entre os lugares, gerando circuitos produtivos e fluxos, cuja natureza, direção, intensidade e força variam segundo os produtos, segundo as formas produtivas, segundo a organização do espaço preexistente e os impulsos políticos (p. 121).

No período atual, a configuração territorial, sobretudo das grandes empresas, não se restringe à localização do ponto de vista topográfico⁹. Pelo contrário, a proximidade topológica, ou seja, a capacidade de se conectar através das redes insere-se como uma das condições gerais para que um lugar possa se inserir em complexos circuitos produtivos e com isso ampliar os papéis na divisão territorial do trabalho. Para compreender como tal discussão se faz presente na economia mundo e no território, na segunda parte deste artigo, tomamos como exemplo empírico a configuração do circuito produtivo da empresa Nestlé S/A na escala global e no território brasileiro.

A configuração territorial do circuito espacial da produção da empresa Nestlé S/A

O que se entende por configuração territorial está de acordo com a discussão proposta por Milton Santos (2008¹⁰), na qual o autor afirma que “a configuração territorial é o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem” (p. 83).

Inseridos no meio técnico-científico-informacional¹¹, temos cada vez mais objetos artificializados, “povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 1999, p. 51). Tais objetos se conformam a partir de ações estabelecidas entre os agentes que normatizam as relações em meio às verticalidades do espaço.

⁷ SANTOS, Milton (1999).

⁸ A primeira impressão data de 1994.

⁹ Originalmente discutido por Lencioni (2004).

¹⁰ Primeira Edição – 1988.

¹¹ SANTOS, Milton (1985, 1999).

Assim, o território, instrumentalizado por meio dos objetos técnicos e redes materiais e imateriais, permite que a ação articulada dos agentes, amplie os lugares destinados à gestão, à produção, à distribuição e ao consumo de mercadorias de maneira diferenciada.

Esse contexto interfere na complexificação dos circuitos espaciais produtivos e, conseqüentemente, na intensificação do uso e produção do território por meio das empresas e instituições que controlam o espaço dominado pelas relações capitalistas na escala global.

De acordo com Corrêa (1992),

Na fase atual do capitalismo as corporações multifacetadas e com múltiplas localizações desempenham o mais importante papel na organização do espaço, atuando em amplos e diferenciados territórios por elas controlados, deste modo garantindo eficientemente a acumulação capitalista e a reprodução de suas condições de produção (p. 35).

A partir da segunda metade do século XX, países, como o Brasil, receberam unidades fabris de muitas empresas multinacionais que se instalaram no território brasileiro na perspectiva de ampliar suas taxas de lucro e suas posições no mercado de concorrência global. Entre as empresas, que a partir de suas ações, interferem na configuração do território para atender seus interesses, destaca-se a Nestlé S/A.

A apropriação e uso do território brasileiro pela Nestlé S/A, teve início em fins do século XIX, quando os produtos da respectiva empresa, por meio das importações, foram introduzidos ao mercado brasileiro. Posteriormente, a essa relação de mercado, as ações da empresa não se limitaram às transações comerciais, pelo contrário, dada a crescente população consumidora e as condições favoráveis à produção de alimentos, entre outros fatores, o Brasil foi inserido no circuito produtivo da Nestlé S/A, principalmente como “espaço do fazer¹²”, pois as ações da empresa que predominam em parcelas do território, estão vinculadas à produção de alimentos industrializados, destinados ao mercado interno e externo.

As normatizações, oriundas da Sede Geral da empresa localizada na Suíça, determinou que no ano de 1921 fosse instalado na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro centro de gestão regional da Nestlé S/A na América do Sul. O escritório permaneceu na cidade carioca por apenas 38 anos, quando então, foi transferido para a cidade de São Paulo em 1959 e permanece até os dias atuais. O centro regional,

¹² Santos, Milton (2008 – sendo a primeira edição, 1994).

instalado na capital paulista, configura, normatiza e controla o território brasileiro e sul americano, de acordo com os próprios interesses, quais sejam: a ampliação dos lucros e, conseqüentemente, o domínio da produção global de produtos alimentícios industrializados.

Corrêa (1996) afirma que,

O ciclo de reprodução do capital tem uma nítida dimensão espacial, envolvendo numerosos centros urbanos e diversas áreas agropastoris. E isto é potencializado no caso das grandes corporações com unidades em dezenas e centenas de pontos onde vários complexos processos produtivos são realizados, culminando na criação de valor, produção, circulação e apropriação da mais-valia e, finalmente, na acumulação nas sedes das corporações localizadas na metrópole (p. 26).

Tal configuração só se fez possível, conforme Santos (1999), pelo desenvolvimento técnico e conseqüentemente dos sistemas de engenharia¹³ que permitiram a configuração de redes articuladas aos lugares inseridos nas inúmeras fases dos circuitos produtivos de gêneros industrializados.

Corrêa (1996) pontuou que “a partir de São Paulo, a Nestlé S/A organizou o seu espaço de atuação [...]” (p. 28). Neste texto, como já afirmamos na introdução, apresentaremos, por um lado, a configuração espacial da Nestlé S/A na escala global, por outro lado, uma atualização do circuito espacial desta empresa no território brasileiro, bem como suas interações espaciais, a princípio apresentadas por esse estudioso.

A Nestlé S/A na escala global

A Nestlé S/A apresenta uma trajetória de crescimento desde quando foi fundada até os dias atuais. No século XX, tornou-se um dos principais grupos empresariais alimentícios da escala planetária. Nos últimos anos, o interesse da Nestlé S/A tem sido aquisição de empresas alimentícias consolidadas no Leste Europeu, na Ásia e na América Latina¹⁴. O objetivo é ampliar ainda mais o mercado consumidor dos produtos e das empresas associadas.

De acordo com Martinelli Jr. (1999),

¹³ SANTOS, Milton (1999).

¹⁴De acordo com o relatório anual da empresa (2010), os investimentos anunciados para o ano de 2011 serão para os países desenvolvidos (América do Norte; Europa Ocidental; Oceania; Japão; e países emergentes, tais como Índia; México; Chile; Brasil; Angola; República Democrática do Congo; Gana; Quênia e Moçambique).

A aquisição de uma empresa, já em atividade possibilita à empresa adquirente obter, em menos tempo, uma série de vantagens, destacando-se: a) um menor custo de investimentos necessários e menores dificuldades técnicas e gerenciais inerentes à nova atividade e ao novo mercado; b) a aquisição de uma nova gerência e de pessoal técnico e de vendas (rede de distribuição, assistência ao consumidor etc), acarreta uma minimização das pressões competitivas rivais no novo mercado, já que estes, em situação diferente, deteriam um maior conhecimento de sua operacionalidade e, evidentemente, os benefícios da maior aprendizagem tácita (p. 67).

Como estratégia de ampliação de lucros, além do ramo alimentício, a Nestlé S/A desde a década de 1970, investe no ramo farmacêutico, cosmético e de alimentação de animais domésticos. Para tanto, tem adquirido uma série de empresas que se destacam no mercado global. Alguns exemplos podem ser citados: a aquisição da empresa francesa de cosméticos L’Oreal no ano de 1974; em 1977, a Companhia Farmacêutica Alcon, de capital norte-americano; e, em 1981, através da Nestlé e L’Oreal, foi fundada a *joint-venture* Galderma Farmacêutica e Cosmético. Em 2000, o Grupo empresarial suíço, comprou a marca americana Ralston Purina e desde então controla a produção de alimentos para animais domésticos.

Conforme afirmou Martinelli Júnior (1999), a Nestlé S/A é uma grande empresa alimentícia que em relação aos

[...] gastos com P&D variam em torno de U\$ 530 milhões, concentra-se nas pesquisas de metabolismos celulares e melhoramentos vegetais em café e soja (p. 60). [...] ao grau de diversificação produtiva se reúne entre as empresas de alimentos *stricto sensu*, assim como a ConAgra, Danone, Coca-Cola, Metropolitan, H.J. Heinz e CPC” (p. 181).

Atualmente, as linhas de produtos das empresas do grupo Nestlé S/A são fabricados em várias unidades produtivas espalhadas de maneira desigual na escala global e no território brasileiro (Cartograma 2). Entre os produtos, destacam-se: leites, cafés, achocolatados, cereais, biscoitos, nutrição, produtos culinários, chocolates, produtos refrigerados, sorvetes, *foodservices*, alimentação para animais domésticos, cosméticos e produtos farmacêuticos. Ao todo são 6.502 produtos fabricados com o rótulo da Nestlé S/A e empresas associadas. Sendo que, “desse total, 4.860 são produtos com preços populares” (Relatório Anual da Empresa, 2010, p. 8).

A Nestlé S/A, na escala global, ocupa o primeiro lugar em relação aos demais grupos alimentícios no que concerne ao faturamento, ao volume de produção e ao pessoal empregado. De acordo com relatório da empresa, em 2010, o faturamento líquido foi de US\$ 37,54 bilhões. A produção total foi de 43,74 bilhões de

toneladas e o número de trabalhadores formais empregados totalizou 281 mil, sendo 27,3% mulheres. No continente europeu, estão concentrados 32,4% dos trabalhadores formais do grupo Nestlé S/A; no americano 40,3%; na Ásia; Oceania e África 27,3%. Do total (281 mil) de trabalhadores, 148 mil são operários; 133 mil trabalham em atividades administrativas, pesquisa e desenvolvimento e vendas.

O faturamento das fábricas do grupo Nestlé S/A, responsáveis pela fabricação de alimentos e bebidas no ano de 2010, totalizou U\$ 37.852,09 milhões no continente Europeu; U\$ 51.075,61 milhões no continente Americano e U\$ 24.219,49 milhões nos países da Oceania e nos continentes Asiático e Africano¹⁵.

Como podemos verificar no Cartograma 1, a territorialização da Nestlé S/A na escala global encontra-se configurada da seguinte maneira: a Matriz localiza-se na cidade de Vevey, na Suíça; os Centros de Pesquisa e Desenvolvimento estão instalados em sua maioria no continente europeu, em países como Suíça, Alemanha, França e Holanda, no continente americano encontram-se instalados nos Estados Unidos, México, Equador e por fim, no continente asiático, apenas em dois países, são eles: China e Japão; já os Centros de Gestão Regional estão localizados no continente europeu, em países, como República da Irlanda, Inglaterra, Bulgária, Alemanha, Romênia, Turquia, Grécia, Espanha, Holanda, Bélgica, Eslováquia, República Theca, Sérvia, Bósnia Herzegovina, Macedônia, Montenegro e Kosovo, Croácia, Dinamarca, Noruega, Hungria, Itália, Portugal, Polônia, Rússia; no continente americano: Estados Unidos, Canadá, México, Colômbia, Equador, Peru, Brasil, Uruguai, Argentina, Chile; na Oceania: Austrália, China, Índia, Indonésia; no continente asiático: Filipinas, Japão, Emirados Árabes, Vietnã.

As fábricas do grupo Nestlé estão instaladas em todos os continentes e totalizaram, no ano de 2010, 443 unidades, sendo 150 instaladas no continente europeu; 168 no continente americano (22 localizam-se no Brasil); 125 na Ásia, Oceania e África. Como podemos verificar nos Quadros 1, 2 e 3 e no Cartograma 1.

Através dos dados trabalhados conseguimos compreender as estratégias de normatização e uso do território pela Nestlé S/A. Esse grupo, de acordo com seus interesses, elege os lugares de “gerir” e de “fazer”, e com isso, determina o papel de cada um na divisão territorial do trabalho. Em síntese, a territorialização da Nestlé S/A na escala global revela o acirramento do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo no período da globalização, haja vista o “uso corporativo dos territórios”

¹⁵http://www.nestle.com/Common/NestleDocuments/Documents/Library/Documents/Annual_Reports/2010-Annual-Report-EN.pdf (acesso 16/3/2011).

que se faz, através das interações estabelecidas entre os lugares que realizam atividades de gestão, pesquisa e desenvolvimento e fabricação.

QUADRO 1: FÁBRICAS DA NESTLÉ S/A NOS PAÍSES DO CONTINENTE EUROPEU

EUROPA		Hungria	3
França	29	República Theca	3
Alemanha	21	Turquia	3
Itália	15	Bulgária	2
Espanha	12	Finlândia	2
Reino Unido	12	Suécia	2
Suíça	10	Áustria	1
Polônia	9	Bélgica	1
Rússia	9	Países Baixos	1
Grécia	4	República da Sérvia	1
Portugal	4	República da Eslovênia	1
Ucrânia	4	Romênia	1
TOTAL			150

FONTE: http://www.nestle.com/Common/NestleDocuments/Documents/Library/Documents/Annual_Reports/2010-Annual-Report-EN.pdf, p. 43 (acesso 16/3/2011). **ORG.:** BOMTEMPO. Denise Cristina. **MAR.**, 2011.

QUADRO 2: FÁBRICAS DA NESTLÉ S/A NOS PAÍSES DO CONTINENTE AMERICANO

AMÉRIQUES		Guatemala	3
Estados Unidos	79	Equador	2
Brasil	22	República Dominicana	2
México	13	Costa Rica	1
Canadá	12	Jamaica	1
Argentina	8	Nicarágua	1
Venezuela	7	Panamá	1
Chile	6	Peru	1
Colômbia	4	Trinidad e Tobago	1
Cuba	3	Uruguai	1
TOTAL			125

FONTE: http://www.nestle.com/Common/NestleDocuments/Documents/Library/Documents/Annual_Reports/2010-Annual-Report-EN.pdf, p. 43 (acesso 16/3/2011). **ORG.:** BOMTEMPO. Denise Cristina. **MAR.**, 2011.

QUADRO 3: FÁBRICAS DA NESTLÉ S/A NOS PAÍSES DO CONTINENTE ASIÁTICO, AFRICANO E OCEANIA

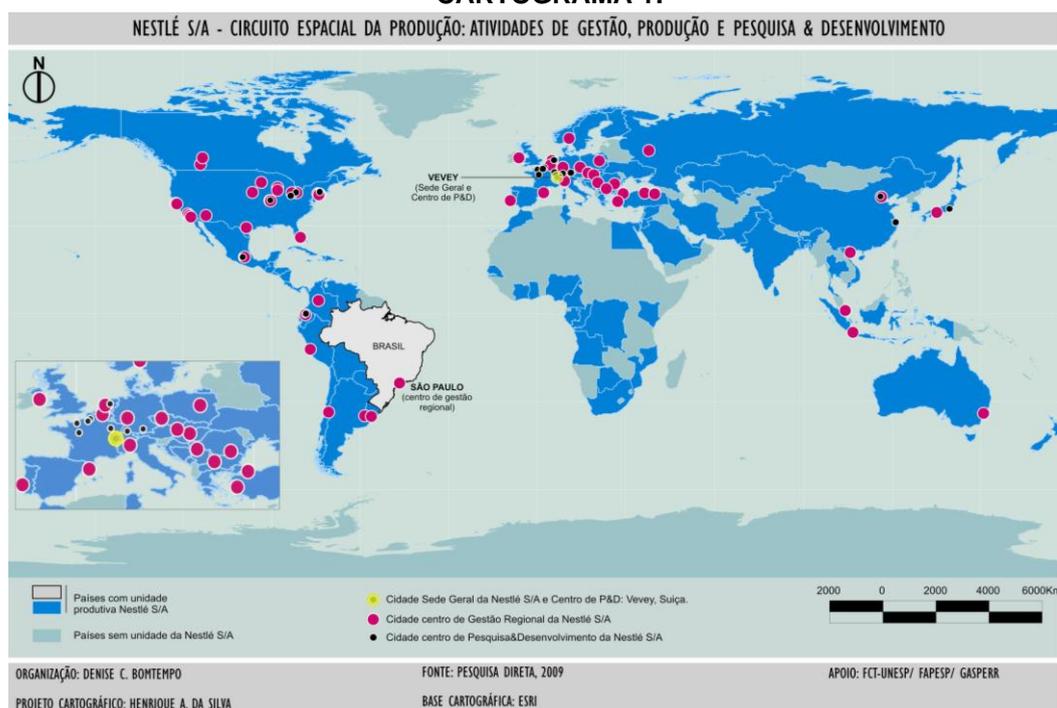
ASIE, OCÉANIA, AFRICA							
China	19	Egito	3	Argélia	1	Ozuberquistão	1
Austrália	11	Indonésia	3	Bahrein	1	Papua - Nova Guiné	1
África do Sul	9	Japão	3	Bangladesh	1	Qatar	1
Israel	9	Vietnã	3	Camarões	1	Senegal	1
Arábia Saudita	7	Cote d'Ivoire	2	Gana	1	Singapura	1
Tailândia	7	Emirados Árabes Unidos	2	Guiné	1	Sri Lanka	1
Índia	6	Irã	2	Jordânia	1	Síria	1
Malásia	6	Líbano	2	Quênia	1	Tunísia	1
Paquistão	4	Nova Zelândia	2	Marrocos	1	Zimbábue	1
Filipinas	4	República da Coréia	2	Nigéria	1	TOTAL	125

FONTE: http://www.nestle.com/Common/NestleDocuments/Documents/Library/Documents/Annual_Reports/2010-Annual-Report-EN.pdf, p. 43 (acesso 16/3/2011). **ORG.:** BOMTEMPO, Denise Cristina. **MAR.**, 2011.

As atividades que centralizam o capital, como atividades financeiras; gestão, pesquisa e desenvolvimento; estão concentradas nos países de economia desenvolvida. Por outro lado, as atividades de fabricação localizam-se, em sua maioria, nos países subdesenvolvidos ou emergentes, esses, na divisão territorial do trabalho global, continuam caracterizados como “espaços do fazer”, ou seja, o grupo empresarial analisado se apropria das potencialidades existentes no país (amplo mercado consumidor, capacidade produtiva, mão de obra disponível, fixos e fluxos para distribuição da mercadoria e troca de informações, política estável, entre outros) com vistas à ampliação das taxas de lucros, que são destinadas, em sua maioria, para a Suíça, sede do Grupo empresarial Nestlé S/A.

Países como Brasil, Índia, China, e ainda, do leste europeu e do continente africano são estratégicos para expansão da Nestlé S/A, pois além de fornecer mão de obra barata, possuem empresas locais já consolidadas que se tornam “alvos” desse grupo transnacional, que tem como premissa a eliminação da concorrência e a garantia de ampliação do consumo¹⁶.

CARTOGRAMA 1:



¹⁶“Nestlé to invest CHF 83 million in dairy facility in Brazil and to create over 1,000 jobs”. (http://www.nestle.com/Media/NewsAndFeatures/Pages/Nestle-invest-dairy-facility-Brazil.aspx?WT.mc_id=riomilkfactory_home_nf_16032011). Acesso: 16/3/2011). “[...] a Nestlé Brasil investiu cerca de R\$ 163 milhões para construir uma unidade fabril no município de Três Rios, Região Centro Sul do Estado do Rio, para a produção de líquidos (UHT) das marcas Ninho e Molico. A produção dessa unidade abastecerá os mercados do Rio de Janeiro, parte de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo”. <<http://www.monitormercantil.com.br/mostranoticia.php?id=91346>>. Acesso: 16/mar/2011.

A atuação da Nestlé S/A no território brasileiro

Como mencionado, no ano de 1921, a partir do município de Araras – SP, a Nestlé S/A iniciou as atividades produtivas no Brasil. No mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro entrava em funcionamento a primeira unidade gestora da empresa. Em 1924, a fábrica de Araras, inicialmente operando na fabricação de uma linha reduzida de produtos, ampliou a produção de alimentos lácteos, até então, importados da Suíça.

Devido à expansão da empresa no Brasil, no ano de 1925, entrou em funcionamento o segundo centro de gestão regional na cidade do Rio de Janeiro e uma filial na cidade de São Paulo. “A instalação da primeira filial da Nestlé S/A no Brasil foi em São Paulo, denominada São Paulo *Office*. O escritório de vendas começou a operar na rua Líbero Badaró, em duas salas alugadas, com um chefe, uma datilógrafa e um *office boy*¹⁷”. No ano de 1927, foi instalada uma filial na cidade de Recife - PE e outra em Porto Alegre - RS. A presença dessas unidades representou a expansão da empresa pelo território brasileiro.

No ano de 1959, a sede da Nestlé S/A foi transferida da cidade do Rio de Janeiro para São Paulo, à Rua Bráulio Gomes. No ano de 1964, devido ao crescimento da empresa no Brasil, foi construída a segunda unidade gestora na cidade de São Paulo, à Rua da Consolação, no. 896, onde permaneceu até o ano de 1992, quando foi novamente transferida para Avenida Nações Unidas, no. 12.495. Por fim, em 2008, o novo endereço foi estabelecido à Avenida Chucri Zaidan, no. 246.

A mudança da sede regional da empresa, do Rio de Janeiro para São Paulo, no ano de 1959, representa o papel que a cidade paulista adquiriu na rede urbana nacional. Além de concentrar os estabelecimentos e os empregos industriais, passou a centralizar atividades de gestão com a instalação de escritórios das principais empresas nacionais e estrangeiras atuantes no território brasileiro, já em meados do século XX.

Além disso, não podemos deixar de ressaltar que mediante a localização da unidade gestora da Nestlé S/A na metrópole paulista, percebemos, na escala intraurbana, as dinâmicas existentes na cidade, pois a primeira sede localizava-se na área central (à rua Bráulio Gomes); a segunda, na Consolação, próxima à Avenida Paulista, considerada centro financeiro do Brasil na década de 1980. Desde 1992 até

¹⁷Informações retiradas do site da empresa: <<http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia.aspx>>.

os dias atuais, a sede encontra-se instalada às margens do Rio Pinheiros, onde hoje, se encontram centros e escritórios de negócios dos principais grupos empresariais atuantes no Brasil e nos países da América Latina¹⁸.

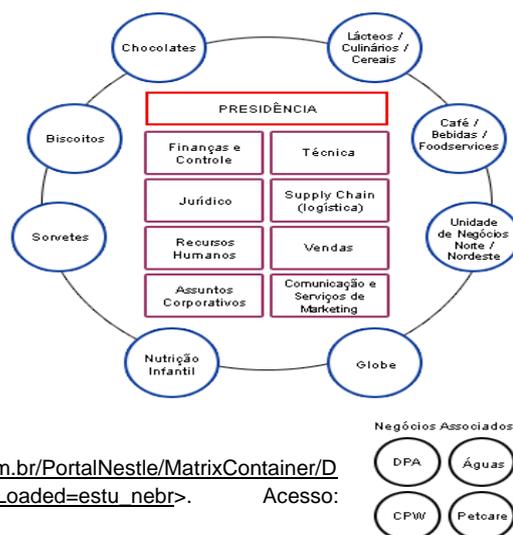
A partir de São Paulo, a Nestlé organizou o seu espaço de atuação que envolve, de um lado, uma ampla bacia leiteira com áreas agropastoris produtoras de matérias-primas, centros de processamento inicial e centros de produção final. De outro, envolvendo inúmeros centros cuja função é a de realizar a distribuição final de seus produtos. No conjunto, a Nestlé tem unidades em cerca de 100 municípios brasileiros, cada um deles participando pelo menos em um dos diferentes momentos do ciclo de reprodução de seu capital. Ao todo são mais de 6.000 empregados localizados fora da região metropolitana de São Paulo (CORREA, 1996, p. 28).

No ano de 2010, o faturamento da Nestlé S/A no Brasil foi R\$ 17,3 bilhões. São fabricadas no país 28 categorias de produtos e 141 marcas. O volume da produção em 2010 foi de 1,4 milhões de toneladas. São funcionários diretos da empresa 20 mil e 220 mil são vinculados de maneira indireta, através de serviços prestados de forma autônoma ou por empresas subcontratadas. Ainda, são fornecedores e produtores rurais 48 mil pessoas. Tal fato revela que para entender as dinâmicas econômicas e territoriais não é possível analisar os setores da economia de maneira desarticulada, como afirmou Santos & Silveira (2001).

Como mencionamos, a sede da Nestlé S/A no Brasil localiza-se na cidade de São Paulo. Na estrutura organizacional da empresa, São Paulo é um centro de gestão regional, que abriga em seu núcleo a presidência; os setores de finança e controle; jurídico; recursos humanos; assuntos corporativos; técnico; logístico; vendas; comunicação; serviços; e *marketing*. A administração das fábricas do mencionado Grupo, no Brasil, é realizada de maneira setorializada, ou seja, de acordo com o que se produz. Portanto, são oito os setores definidos, tais como: chocolates, biscoitos, nutrição infantil, globe, unidade de negócios das regiões Norte e Nordeste (a unidade de Feira de Santana - BA fabrica produtos de todos os setores); café, bebidas e *foodservices*; lácteos, culinários e cereais. Ainda, existem os negócios associados que são: águas e alimentação animal (*petcare*), conforme podemos verificar na Figura 1.

¹⁸Sobre o assunto: Fix, Mariana. *São Paulo cidade global. Fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo, 2007.

FIGURA 1: ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA SEDE DA NESTLÉ NO BRASIL



FONTE:

http://www.nestle.com.br/PortalNestle/MatrixContainer/Default.aspx?MXMainLoaded=estu_nebr. Acesso: 3/mar/2009.

A Nestlé S/A estrutura-se como uma empresa em rede que articula os territórios e os agentes envolvidos nas diversas etapas dos circuitos produtivos. Essa estrutura também permite que se estabeleçam interações mais fluídas de normas, de informações, de mercadorias, de trabalhadores etc. Identificar o papel que os territórios exercem nessa arquitetura organizacional em rede permite compreender suas dinâmicas e a divisão territorial do trabalho desigual gerada nesse circuito produtivo.

As normas elaboradas pela Nestlé S/A são de responsabilidade dos países e cidades em que as atividades de gestão & pesquisa e desenvolvimento são realizadas. São territórios que centralizam e concentram poder, portanto normatizam e regulam a vida das instituições e das pessoas a eles articulados.

O Brasil, na divisão territorial do trabalho do grupo Nestlé S/A pode ser considerado um território em que as normas gerais são adotadas e ajustadas. A sua sede, localizada em São Paulo, gerencia as fábricas e as atividades ligadas ao bom funcionamento do processo produtivo e ao *marketing* da empresa no país. Como podemos verificar no Quadro 4, a sede de São Paulo, centraliza as atividades relacionadas ao ciclo de reprodução do capital no país e articula com a matriz gestora em Vevey - Suíça.

Na metrópole paulista são tomadas as decisões de investimentos que metamorfoseiam o capital dinheiro em mercadoria, isto é, em fixos, as diversas unidades fabris, escritórios de vendas e depósitos. Estes fixos suscitam fluxos de força de trabalho, matérias-primas e bens intermediários. Tais decisões e investimentos afetam diretamente as zonas agropastoris onde se dá a produção de leite e de outras

matérias-primas envolvendo amplo espaço e milhares de proprietários rurais, veterinários, capatazes e peões (CORREA, 1996, p. 28).

O desenvolvimento de novos produtos existe, porém a autorização dos projetos é enviada para a matriz gestora. Diante dessa estrutura, recorremos aos trabalhos de Milton Santos, nos quais afirma que, no período da globalização os territórios são normatizados em meio às verticalidades, por agentes que atuam em múltiplas escalas. Esses se articulam com o poder político nacional, regional e local ao seu interesse. Ainda, manipulam a esfera política e a sociedade em geral, no sentido de impor a ideologia de que a empresa trabalha com objetivo de proporcionar o bem estar aos consumidores.

No Quadro 4, podemos constatar como está estruturada a Nestlé S/A no Brasil, no que concerne à divisão do trabalho na empresa.

QUADRO 4: ORGANIZAÇÃO DA NESTLÉ NO BRASIL

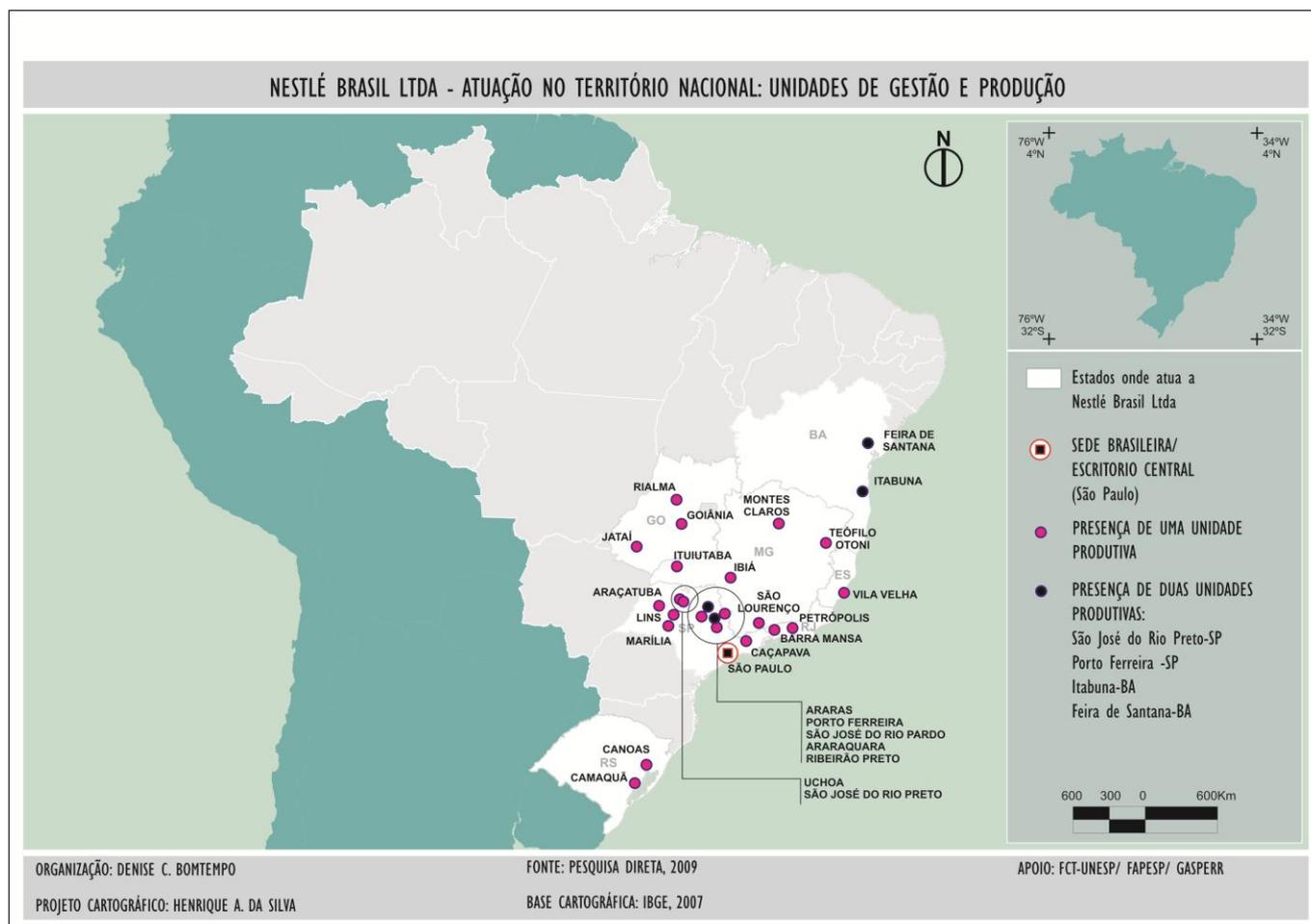


FONTE: http://www.nestle.com.br/site/aneagle/aempresa/cadeia_logistica.aspx. ORG.: BOMTEMPO, Denise Cristina. MAR, 2011.

Diferentemente do que consta no relatório anual (2010), no site da Nestlé S/A Brasil foi divulgado que existem no país trinta fábricas, e durante a pesquisa de

campo¹⁹ essa informação foi confirmada. No Brasil, são fabricados leites, cafés, achocolatados, cereais, biscoitos, nutrição, produtos culinários, chocolates, produtos refrigerados, sorvetes, *foodservices*, alimentação para animais domésticos, produtos cosméticos e farmacêuticos. As fábricas localizam-se, sobretudo nos estados brasileiros que fazem parte da *região concentrada* (Sul e Sudeste do Brasil), como podemos verificar no Quadro 5 e no Cartograma 2.

CARTOGRAMA 2:



¹⁹ Realizada entre os meses de março a junho de 2009 na cidade de Marília – SP, na ocasião, para a elaboração da Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente. A referência bibliográfica completa encontra-se no final deste artigo.

QUADRO 5: FÁBRICAS DA NESTLÉ NO BRASIL

SÃO PAULO	GOIÁS	ESPÍRITO SANTO
Araras (3)	Goiânia	Vila Velha
Araraquara (2)	Jataí	
Araçatuba (2)	Rialma	PERNAMBUCO
Caçapava (2)		Garanhuns
Marília	RIO DE JANEIRO	
Ribeirão Preto	Jacarepaguá	MINAS GERAIS
S. J. do Rio Pardo	Petrópolis	Ibiá
		Ituiutaba
BAHIA	RIO GRANDE DO SUL	Montes Claros
Feira de Santana	Palmeiras das Missões	Teófilo Otoni
Itabuna (2)	Novo Hamburgo	São Lourenço
	Carazinho	

FONTE: <http://www.nestle.com.br> . Acesso: 16/mar/2009.

São Paulo é o estado que concentra um número maior de unidades produtivas da Nestlé S/A no território brasileiro. Estão envolvidos no circuito espacial da produção do Grupo empresarial, cidades de diferentes portes, mas as que predominam são aquelas de porte médio e algumas, como Marília e Araçatuba, são classificadas por Beltrão Sposito (2004) como cidades médias²⁰. Desse modo, a distribuição fabril da Nestlé S/A no território paulista encontra-se assim definida: são três fábricas instaladas em Araras, (inauguradas em 1921; 1986; 2004); Araraquara, (1946; 2009); Araçatuba, (1963; 2007); Caçapava, (1971; 1998); Marília, (1988); Porto Ferreira, (1952); Ribeirão Preto, (2005); São José do Rio Pardo (1974). Essa concentração de unidade gestora, centros de distribuição e unidades produtivas em inúmeros municípios do Estado paulista é característica das atividades produtivas do período atual, que enaltece uma

nova divisão territorial do trabalho e aumenta a necessidade do intercâmbio, que agora se dá em espaços mais vastos. Afirma-se uma especialização dos lugares, que por sua vez, alimenta a especialização do trabalho. É o império, no lugar, de um saber-fazer ancorado num dado arranjo de objetos destinados à produção (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 135).

²⁰ De acordo com Beltrão Sposito (2004), no Brasil são consideradas cidades de porte médio as que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, ou seja, o critério demográfico é o que define o porte dessas cidades. No que concerne às cidades médias, a autora afirma que são aquelas cuja classificação não se restringe ao tamanho demográfico, mas às mudanças no que se refere ao papel de intermediação que desempenham na rede urbana.

Depois de São Paulo, Minas Gerais é o segundo estado no território brasileiro que possui cinco fábricas da Nestlé S/A, instaladas nas cidades de Ibiá (1964); Ituiutaba (1976); Montes Claros (1983); Teófilo Otoni (1990); e São Lourenço (1992). Conforme Corrêa (1996), a Nestlé S/A, como um agente regulador do território, articula os lugares envolvidos no circuito espacial produtivo por meio de redes que se formam e se metamorfoseiam, de acordo com os interesses da empresa.

No interior paulista, tanto na região urbana industrial, abrangendo o Vale do Paraíba e o eixo Campinas-Ribeirão Preto, como no Planalto Ocidental e em regiões limítrofes ao território paulista, como o Sul e o Triângulo Mineiro, o leste matogrossense do sul e mesmo o Sul goiano, a Nestlé organiza o processo produtivo do leite, o qual das fazendas flui para inúmeros pequenos e médios centros urbanos onde a referida empresa, através de usinas de pasteurização de leite, realiza um primeiro processamento. Birigui, Cardoso, Fernandópolis, Ibitinga, José Bonifácio, Morro Agudo, Tanabí e Votuporanga, todos em São Paulo, são exemplos de centros que fazem parte, ainda que não exclusivamente, da rede de centros da Nestlé. Neles, o processo de produção de mercadorias, iniciado nas zonas agropastoris, prossegue, criando valor e extraindo mais-valia. Na região urbano-industrial, em Barra Mansa (RJ), Caçapava, Araras, São Carlos, Arararaquara e São Bernardo do Campo, em território paulista, mas também em São José do Rio Pardo e Araçatuba, fora da região urbano-industrial, e em Três Corações, Ibiá e Ituiutaba, em território mineiro, o processo final de produção de mercadorias se concretiza (CORRÊA, 1996, p. 28).

Além da unidade de gestão e fabricação, no estado de São Paulo estão instalados três dos 12 centros de distribuição e armazenamento da Nestlé S/A no Brasil. Esses se localizam nos municípios de São Bernardo do Campo, Cordeirópolis (unidade de distribuição) e Ribeirão Preto (unidade de armazenamento). Os demais, como podemos constatar no Cartograma 3, estão em Porto Alegre (RS); Curitiba (PR); Rio de Janeiro (unidade de armazenamento e distribuição) (RJ); Brasília (DF); Salvador (BA); Recife (PE); Belém (PA) e Manaus (AM).

CARTOGRAMA 3:



A produção industrial da Nestlé S/A não se faz apenas em fábricas próprias, mas também empresas controladas e subcontratadas (Cartograma 4).

CARTOGRAMA 4:



Tais empresas localizam-se em: Campo Grande (MS) (empresa controlada); Gramado (RS); Uchoa (SP); Ribeirão Preto (SP); e Uberlândia (MG), e Aquiraz (CE) elas produzem sob licença da Nestlé S/A. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro comportam mais de uma filial, que produz sob licença da unidade gestora da Nestlé S/A no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho teórico metodológico adotado para elaboração deste texto contribuiu para desvendar o conteúdo desigual do território da indústria no período atual.

Como apontou Corrêa (1996), a cidade de São Paulo continua sendo o centro gestor da Nestlé S/A no Brasil. É o local em que as decisões e as normas, por um lado são elaboradas e por outro, acatadas, já que é subordinado à sede geral da empresa instalada em Vevey na Suíça. Portanto, é um ponto importante na rede da empresa, pois “exerce um papel de controle de atividades que, estando localizadas externamente a ela, são, contudo, concebidas, planejadas e dirigidas a partir de empresas nela sediadas” (CORREA, 1996, p. 24).

No Brasil, a partir da sede gestora, como mencionado, localizada na cidade de São Paulo, os profissionais do grupo Nestlé S/A articulam os lugares envolvidos no circuito produtivo no que concerne também às atividades financeiras, pois distribuem por intermédio de agências bancárias, o pagamento aos trabalhadores, aos fornecedores e às empresas contratadas localizadas de maneira dispersa em vários estados brasileiros. Além disso, transmitem o montante arrecadado no Brasil para a sede em Vevey, contribuindo assim para que o ciclo global de reprodução do capital se complete.

Por meio da configuração dos circuitos, são notadas novas interações espaciais provenientes da instalação recente de unidades produtivas, de centros de distribuição e da incorporação de empresas subcontratadas em estados da região Norte e Nordeste do Brasil, em cidades como Feira de Santana (BA), Aquiraz (CE), Recife (PE), Salvador (BA), Manaus (AM) e Belém (PA).

Em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul, estados que concentram maior número de unidades produtivas da Nestlé S/A, como tendência da industrialização brasileira, as unidades de produção estão instaladas, em sua maioria,

no interior do Estado, em cidades médias e de porte médio, tais como: Marília, Araçatuba, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Araraquara, Caçapava, Ituiutaba, Montes Claros, Teófilo Otoni, Jataí, Canoas, Camaquã etc.

A partir da configuração do circuito espacial de produção da Nestlé S/A na escala global e no território brasileiro, foi possível apreender, a partir das interações espaciais, como o capitalismo continua se desenvolvendo de maneira desigual e combinada, ou seja, o modo como esse sistema determina o papel que cada lugar desempenha na divisão territorial do trabalho e os articula a partir das redes técnicas materiais e imateriais.

Além disso, conseguimos entender que a empresa estruturada em rede, a partir da sede (Vevey – Suíça), produz e organiza seu próprio território. As ações e as normatizações materializam-se nos lugares que desempenham funções de administração, produção, distribuição e consumo e também interfere na contratação da força de trabalho, enredada nas diversas fases do circuito espacial da produção de alimentos industrializados.

Bibliografia citada

AGLIETTA, Michel. *Regulación y crisis del capitalismo*. Madrid, España: Siglo Veintiuno de España Editores S.A., 1979.

AZAÏS, Christian. Temps et travail. Une lecture de la dynamique territoriale. In: XXXVI Colloque de L'Association de Science Régionale de Langue Française. Crans Montana (Suisse), 6 – 9 Septembre, 2000.

BELTRÃO SPOSITO, Maria Encarnação. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades*. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BOMTEMPO, Denise Cristina. Cidades médias, aglomeração industrial e circuito espacial da produção de alimentos. *Relatório de qualificação de doutorado*, defendido no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP Presidente Prudente. FCT/UNESP/PPGG/Presidente Prudente, agosto de 2010.

_____. *Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília - SP*. Presidente Prudente: PPGG/UNESP/Presidente Prudente, 2011 (Tese de Doutorado).

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação e Espaço: uma nota. In: Revista Brasileira de Geografia, 53, 1991.

_____. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. In: *Anais do I Workshop de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*, 1992, vol. 15. Editores: Antonio Texeira Guerra e Iná Elias de Castro. Disponível on-line:

http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1992/anuario_1992_v15_sumario.htm

_____. Os centros da gestão do território: uma nota. In: *Revista Território*, 1 (1), 1996.

_____. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DALL'AQUA, Clarisse Torrens Borges. *Competitividade e Participação: cadeias produtivas e a definição dos espaços geoeconômico, global e local*. São Paulo: Annablume, 2003.

FISCHER, André. *Industrie et espace géographique*. Paris: Masson, 1994.

Fix, Mariana. *São Paulo cidade global. Fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Histórico da Empresa Nestlé: <http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia.aspx>

LENCIONI, Sandra. O processo de metropolização do espaço. Uma nova maneira de falar da relação entre metropolização e regionalização. In: SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). *Globalização e estrutura urbana*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2004.

MARTINELLI JÚNIOR, Orlando. *A globalização e a indústria alimentar: um estudo a partir das grandes empresas*. Marília – UNESP - Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999.

PELINSKI, Augusta RAHMEIER, Daliane da Silva, SHIKIDA, Pery Francisco Assis. A dinâmica de uma pequena propriedade dentro de uma análise de filière. In: *Revista Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 7, n. 3, p. 271-281, 2005.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

Relatório Anual da Empresa. Publicado no endereço eletrônico: http://www.nestle.com/Common/NestleDocuments/Documents/Library/Documents/Annual_Reports/2010-Annual-Report-EN.pdf (acesso 16/mar/2011).

RODRIGUES, Andréia Marize. *Cluster e competitividade: um estudo da concentração de micro e pequenas empresas de alimentos no município de Marília*. São Carlos: USP - Tese de Doutorado em Engenharia Mecânica, 2003.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Circuitos espaciais da Produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia A. de (Org.). *A construção do Espaço*. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999. 3ª. Edição.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 2008. (primeira edição 1988) 6ª. Edição.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo: Edusp, (primeira edição 1994) 2008b. 5ª. Edição.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura da. *Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Recebido em: 05/12/2011.

Aceito para publicação em: 17/07/2012.